



NEHTE

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HIPERTEXTO
E TECNOLOGIA EDUCACIONAL



Artigos

A ORGANIZAÇÃO CONSTELAR DO GÊNERO *CHAT**

Júlio César Araújo**

INTRODUÇÃO

A função precípua da *Internet* parece se definir em favor de práticas sociais cada vez mais complexas. De um lugar ao outro do planeta, as pessoas se comunicam, provocando mudanças inimagináveis nas práticas de comunicação humanas. Por isso, a rede mundial de computadores suscita um caloroso debate acerca de muitos conceitos que pareciam inabaláveis na ciência, como as noções de tempo e espaço, de oralidade e escrita, de texto e hipertexto, para citar somente estes. Isto tem obrigado os estudiosos a se debruçarem sobre os avanços tecnológicos, a fim de entender como se configuram as práticas de letramento neste novo ambiente.

Crystal (2002, p. 153), ao estudar o impacto das novas tecnologias digitais na linguagem, descreve algumas “situações comunicativas” mais comuns: o *e-mail*, as listas de discussão, os *chats*, entre outras. De minha parte, tenho assumido os *chats* como objeto de reflexão e pesquisa, a fim de melhor compreender essa prática que, segundo Fonseca (2002), se configura como um dos gêneros digitais com um largo uso na *Internet*. Se esse gênero é um dos mais usados, entendo que se faz necessário investir em sua pesquisa para que cada vez mais as pessoas possam se apropriar melhor dessa ferramenta de práticas discursivas.

Neste sentido, as perguntas que se impõem ao presente artigo são: de que maneira o fenômeno da transmutação (BAKHTIN [1953], 2000) ajuda a compreender as diversas funções sociais do gênero *chat*? Se o *chat* é um gênero que atende a funções plurais, como essas funções se organizam? Tais questões instam que se trabalhe com a tese central de que o *chat* é um gênero que se organiza em constelação, o que motiva o objetivo de comparar alguns tipos de *chats* para verificar as marcas dessa organização. Assim, parto do conceito de transmutação de Bakhtin ([1953] 2000), para, posteriormente, discutir a noção de constelação de gêneros (BHATIA, 1993; 1999; [1997] 2001) e, finalmente, apresentar as decisões metodológicas para proceder à análise e ao tratamento dos dados.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em seu famoso ensaio sobre gêneros do discurso, Bakhtin ([1953] 2000) opera com os conceitos de esfera e de transmutação para explicar o surgimento e a formação de alguns gêneros designados de secundários ou complexos, os quais se diferem dos chamados gêneros primários ou simples na medida em que estes atendem às funções sociais do cotidiano e são absorvidos pelos secundários. Assim, o romance é um gênero complexo, pois pertence à esfera artística, e a conversa face-a-face é um gênero simples porque pertence à esfera do cotidiano. Isto significa que o que faz um gênero ser

* Trabalho produzido no grupo de pesquisa PROTEXTO do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

** Professor de Linguística do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, desenvolve Doutorado em Linguística na Universidade Federal do Ceará (UFC). Contato: <julcra@uol.com.br>

secundário ou primário é a esfera da qual faz parte. Por esta razão, assumo, na presente comunicação, a rubrica de gênero secundário para o *chat*¹, pois a esfera na qual este evento se insere é igualmente complexa.

Segundo o exemplo dado em Bakhtin ([1953] 2000), a conversa do cotidiano é transmutada pelo romance que a absorve e a reinterpreta como parte constitutiva. É essa mudança de esfera, sofrida por um gênero primário, que o russo denomina de *transmutação*. Esta noção é bastante reveladora de quão complexos são os elementos semióticos com os quais o homem lida para estabelecer relações discursivas com o seu semelhante. Assim, muitos gêneros, sobretudo os que emergem das novas tecnologias digitais, parecem ser mais bem compreendidos se o estudo for feito à luz desse fenômeno bakhtiniano, pois embora se trate de gêneros emergentes da *Internet*, nada é genuinamente novo. Na verdade, o que existe é uma espécie de reformatação de gêneros conhecidos que são transmutados por outros de uma esfera bem mais complexa que é a *Web*.

Embora acredite no surgimento de novos gêneros em face de novas práticas, considero que o *chat* tem sua pré-existência em algum tipo de interação oral que acontece face-a-face. Por isso, em trabalhos anteriores, defendo que *chat* permite que lhe flagremos os índices da transmutação do gênero que lhe pré-existiu. Assim foi feito com o *chat* aberto, pois a superposição de semiotes, como a escrita, o som e a imagem, permite que se perceba índices da transmutação da conversa do cotidiano para a *Web* (ARAÚJO, 2003; 2004). Na mesma esteira da transmutação, também estudei o *chat* educacional com dois objetivos. O primeiro foi o de caracterizar o gênero, enfatizando sua implicação pedagógica (ARAÚJO, 2004a) e o segundo foi o de caracterizar o discurso pedagógico inserido neste ambiente virtual (ARAÚJO, 2004b). Ressalto que, embora se tenha admitido que o *chat* educacional transmuta a aula, não foram estudadas as marcas indicadoras dessa transmutação.

Os estudos já realizados sobre o *chat* educacional mostram que esta variedade de bate-papo tem sua pré-existência na aula, que por sua vez é um gênero complexo. Embora eu não tenha assumido a rubrica bakhtiniana de gênero secundário para o *chat* nos trabalhos anteriores, penso que este gênero também não é simples. Assim, se a aula é um gênero complexo porque não atende as necessidades de uma esfera simples, é razoável afirmar que Bakhtin ([1953] 2000) não previu que um gênero secundário pudesse ser transmutado por outro gênero secundário, o que deixa uma fresta em suas reflexões.

Neste artigo, trago para a discussão, além do *chat* aberto e o *chat* educacional, um outro tipo de bate-papo, o qual designo de *chat com convidado*. Assim como os dois primeiros transmutam e reinterpretam, respectivamente, a conversa cotidiana e a aula, é razoável defender que a terceira variedade de bate-papo transmuta a entrevista (outro gênero complexo), reinterpretando-a. Deste modo, a conversa cotidiana (gênero simples), a aula e a entrevista (gêneros complexos), embora se configurem como gêneros bem distintos em suas esferas de origem, parecem tornar-se cognatos ao serem transmutados pelo *chat*, o qual se abre em variedades distintas para atender as funções sociais as quais se destina. Ao trabalhar com esta hipótese, torna-se inevitável discutir a noção de constelação de gêneros, sobre a qual comento a seguir.

O conceito de propósito comunicativo (PC) é caro para Bhatia (1993; 1999; [1997] 2001) porque é o critério mais importante para definir gêneros. No caso específico de suas pesquisas, os gêneros estudados são os de caráter promocionais. Como tais gêneros são muitos, Bhatia considera que todos se constelam em torno do

¹ Devo esta observação ao professor Marcuschi (UFPE), a quem agradeço a gentileza de estar sempre aberto às interlocuções.

PC. Por isso, para que se entenda a noção bhatiana de constelação de gêneros, faz-se necessário partir do conceito de PC, o qual é visto como uma espécie de dispositivo compartilhado pelos usuários de um gênero. Tais usuários se organizam em comunidades discursivas², sejam de cunho profissional ou acadêmico. Bhatia afirma que o “gênero é reconhecido e caracterizado pelo jogo de propósito(s) comunicativo(s) identificado(s) e mutuamente entendido(s) pelos membros [dessas comunidades] nas quais isso ocorre” (p. 13)³.

Segundo Bhatia (1993), uma grande alteração no PC é o suficiente para provocar uma mudança de gênero. Se podem ocorrer grandes alterações no PC é porque se pressupõem ocorrências de pequenas alterações. Neste aspecto, surge uma outra categoria de análise criada para dar conta das pequenas alterações do PC de um gênero, que é a noção de subgênero. Nas palavras do autor “qualquer mudança maior no(s) propósito(s) comunicativo(s) suscita diferentes gêneros; enquanto as modificações menores distinguem subgêneros” (BHATIA, 1993, p. 13). Portanto, para Bhatia, um subgênero seria o resultado sutil de uma variação de propósito do PC do gênero do qual derivou.

A citação acima realça que um gênero se define pelo PC e que qualquer alteração pode modificar sua natureza genérica. Esta modificação pode se manifestar de duas maneiras: a primeira diz respeito ao surgimento de um gênero completamente novo se o PC for profundamente alterado, e a segunda se refere ao surgimento de uma variedade do mesmo gênero, ou seja um subgênero. Em suma, é preciso, de acordo com os postulados bhatianos, que o PC seja alterado, para que se tenham gêneros ou subgêneros.

A figura 01, a seguir, reúne vários gêneros (alguns com seus subgêneros) que, segundo Bhatia (1999), formam uma constelação organizada pelo PC.

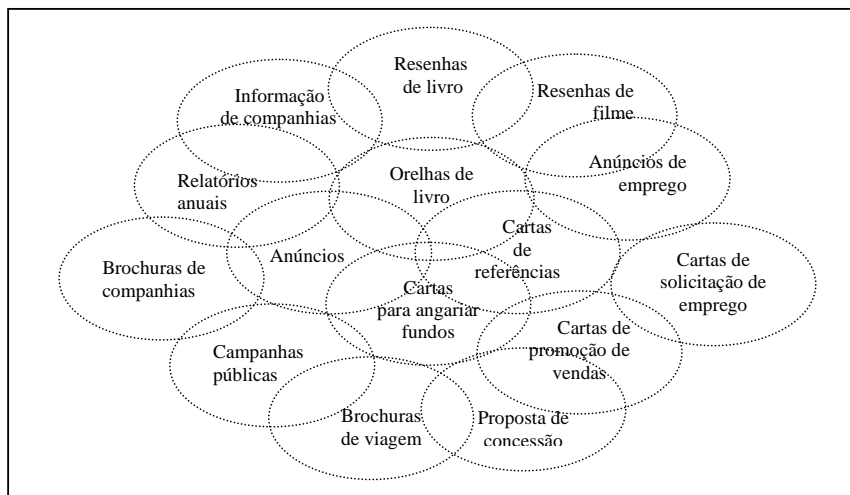


Figura 01 – Constelação de gêneros promocionais

Fonte: Bhatia, 1999, p. 29 (com adaptações)

² Para Swales (1992, p. 8), uma comunidade discursiva é “um grupo sócio-retórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos”. Esta noção, porém, vem sendo reelaborada pelo próprio Swales (1990; 1992, 1993, 1998). Sobre a reelaboração do conceito de comunidade discursiva, além dos trabalhos de Swales, sugiro a leitura do artigo de Hemais & Biasi-Rodrigues (no prelo).

³ Com exceção de Bhatia ([1997] 2001), traduzido por Benedito Bezerra, as demais traduções apresentadas neste artigo são de minha responsabilidade.

Esta figura apresenta um conjunto de gêneros bastante distintos entre si, em alguns casos. Como destaca Bhatia (1999), todos estão interligados pelo PC comum, que é vender algum produto. Embora reconheça a inventividade da figura, considero que esta maneira de organizar a constelação dos gêneros promocionais parece questionável por duas razões. Em primeiro lugar, a reunião de gêneros tão díspares, como o **relatório anual** e a **resenha de livro**, por exemplo, não me parece produtiva porque estes, além de possuírem organização retórica interna bastante diferente, distanciam-se no que se referem às audiências pretendidas. Além disso, como bem mostram Askehave e Swales (2001), da maneira como discute Bhatia, o PC se mostra como um critério frágil, pois torna gêneros tão distintos entre si como iguais. No meu entender, isto compromete, inclusive, a arquitetura da constelação construída por Bhatia. Por isso, considero que o PC não parece ser o melhor critério para inserir os gêneros da figura 01 como parte de uma constelação. Dois são os motivos para este meu entendimento.

Primeiro motivo: se uma constelação de gêneros se organiza pelo PC, de acordo com Bhatia, como sustentar que todos os elementos que estão na figura 01 sejam gêneros distintos? Não é o PC o critério definidor de um gênero? Pois bem, se assim o é, como explicar a afirmação segundo a qual “todas as variações somente se tornam gêneros diferentes no momento em que começam indicar uma diferença substancial no propósito comunicativo” (BHATIA [1997] 2001, p. 105)? Ao seguir o próprio raciocínio do lingüista indiano, fica parecendo que todos os gêneros da figura 01 assumem um único PC, logo não são gêneros distintos, já que o PC é o único critério que legitima o estatuto do gênero e da constelação.

Segundo motivo, parece-me esdrúxula a reunião de gêneros com suas possíveis variedades, como o **anúncio** e a **carta**, em meio a outros tão distintos. O primeiro gênero, na figura 01, é grafado no plural, indicando sua fecundidade⁴. A idéia de variedade também é percebida com a **carta** a qual é reunida com suas variantes promocionais (cartas para angariar fundos, cartas de referência, cartas de promoção de vendas e cartas de solicitação de emprego). Isto parece indicar que tanto o anúncio quanto a carta formam constelações distintas, uma vez que as variedades de tais gêneros são cognatas entre si. Na perspectiva de Bhatia, no entanto, cada variedade dessas é apenas um subgênero. Portanto, não se sabe ao certo se o que Bhatia chama de constelação é uma reunião de gêneros ou de subgêneros.

Particularmente, entendo constelação como um conjunto de gêneros que são irmanados pela relação genética que existe entre eles, ou seja, todos pertencem à mesma família e, por isso, são variedades de um único gênero que, por ser complexo, atende a propósitos comunicativos distintos e não a subpropósitos. Assim é o que acontece com gêneros como a carta (carta pessoal, carta de apresentação, carta de demissão, etc), a entrevista (entrevista jornalística, entrevista médica, etc), a aula (aula expositiva, aula participativa, aula seminário, etc), etc.

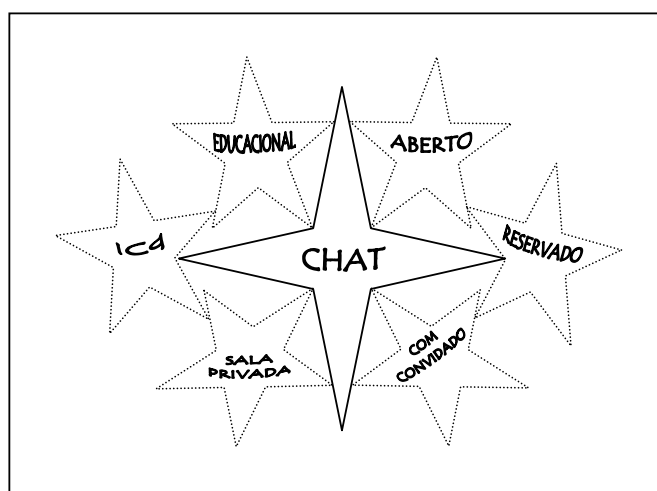
O fato de serem membros de uma constelação, no entanto, não tornam homogêneos esses gêneros. Cada um possui seu “brilho” próprio e atende a uma função social distinta. Neste sentido, considero que a noção de subgênero é uma categoria atravessada por um “tom” valorativo. O uso de tal categoria de análise parece sugerir que as variedades nascidas do “*gênero mãe*” sejam menos importantes. Embora entenda a constelação como um conjunto de variedades de um único gênero, não concebo esse conjunto hierarquicamente, pois todos os gêneros têm seu grau de relevância social.

⁴ Vale lembrar aqui que no artigo de ([1997] 2001), Bhatia também opera com a noção de constelação de gêneros. Para ilustrar, o autor mostra como o gênero anúncio se desdobra em muitas variedades, consideradas como subgêneros do anúncio.

Neste sentido cabe aqui a analogia que Campbell & Jamieson (1978) fazem com o conceito científico emprestado da astronomia. Segundo as autoras,

as estrelas que formam uma constelação são individuais, mas sofrem influências uma das outras, assim como influências externas. Conseqüentemente elas se movem juntas e persistem em uma relação similar apesar de suas posições variarem (p. 19).

Seguindo, pois, essa analogia, a figura 02, abaixo, mostra-se como uma tentativa de esboçar em um desenho o que estou defendendo como constelação.



No centro desta constelação está o que se pode designar de “*gênero mãe*”, por falta de uma palavra melhor. Todos os outros “nascem” dele, por isso, a figura sugere que há uma relação genética entre o *chat* e suas variedades. No entanto, esta relação não é hierarquizada, pois as variedades de bate-papos não assumem subfunções sociais. Entendo que em torno do “*gênero mãe*” gravitam outros com suas respectivas funções sociais e é isto que os faz distintos, embora cognatos. Distintos porque cada um tem características próprias associadas às funções sociais de ser um *chat* **aberto**, **reservado**, **com convidado**, **em sala privada**, **agendado (ICQ)**, **educacional**⁵; cognatos porque, além de trazerem marcas do “*gênero mãe*”, um influencia o outro. As linhas pontilhadas indicam que as fronteiras de cada variedade não são intransponíveis, portanto é possível que alguns traços estáveis possam ser conservados em todos. É provável que o fato de o *chat* transmutar gêneros orais, como a conversa cotidiana (seja de caráter aberto ou íntimo), a aula e a entrevista, o faça um gênero de “uma amplitude social maior que outros” (BONINI, 2000, p. 11). Portanto, esta noção de constelação torna-se importante porque pode lançar luzes para o estudo de gêneros que, ao gerarem outros que lhes sejam ao mesmo tempo semelhantes e distintos, agregam várias funções sociais.

A seguir, mostro como se deu a construção dos *corpora* e quais os procedimentos adotados para a sua análise.

⁵ Acerca da tipologia dos *chats*, recomendo a leitura de Marcuschi (2004).

2 METODOLOGIA

Os *corpora* analisados neste artigo são resultados de três sessões de *chat* (aberto, educacional e com convidado). Para fins de identificação, uso, entre *brackets* <>, letras maiúsculas que fazem alusão aos nomes das variedades de *chat* estudadas. Assim, <CA> significa *chat* aberto, <CE> *chat* educacional e <CC> *chat* com convidado. Os exemplos de <CA> fazem parte do *corpus* estudado em trabalhos anteriores (Cf. ARAÚJO, 2003; 2004), o <CC> faz parte dos *corpora* que estão sendo reunidos para minha Tese de Doutorado e, finalmente, o *corpus* relativo ao <CE> foi retirado de um banco de dados de um projeto chamado *o uso pedagógico do chat*⁶.

Se o objetivo é o de verificar as marcas da organização constelar do *chat*, opto por analisar o plano estilístico e contextual do referido gênero, atentando para os elementos estilísticos tanto no plano da escrita quanto no plano de outras semioses. Para alcançar este objetivo, verifico, primeiramente, o uso das abreviações e das ressignificações dos caracteres do teclado que geram os *emoticons*, e em seguida, descrevo o uso das outras semioses que, aliadas à escrita, geram significados. Esta decisão encontra apoio teórico em um trabalho recente de Marcuschi (2004), no qual o autor sugere alguns parâmetros de análise dos gêneros emergentes das novas tecnologias digitais. Ele considera que a análise deve seguir uma orientação tridimensional, já que os elementos a serem verificados são de ordem composicional, temática e estilística (p. 33). Dadas as restrições de espaço, limito-me a verificar apenas o aspecto estilístico-contextual do gênero, como realça a figura 03.

DIMENSÃO	ASPECTO	TIPOS DE CHAT		
		<CA>	<CC>	<CE>
Estilo	Monitorado	-	-	0
	Informal	+	+	+
	Fragmentário	+	+	-
Canal/semioses	Só texto escrito	+	+	+
	Texto e imagem	+	+	-
	Paralinguagens	+	+	+

Figura 3 – Parâmetros para identificação dos gêneros no meio virtual

Legenda

Sinais para marcação dos traços:

+ = presença; / - = ausência; / 0 = irrelevância do traço para definição do gênero

Fonte: Marcuschi, 2004, pp. 34-5 (com adaptações)

Seguindo o quadro marcuschiano, procuro investigar o modo como se caracteriza o estilo nas variedades do gênero *chat*. Este procedimento tem sustentação teórica em Bakhtin ([1953] 2000) quando afirma que “cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos” (p. 284). Sendo a *Web* a esfera de comunicação que abriga o gênero *chat* (Cf. ARAÚJO, 2004), é natural que esta deixe suas marcas na textura do bate-papo. Sendo assim, além de verificar o estilo, penso ser necessário verificar também como as marcas

⁶ Maiores informações acerca do referido projeto <<http://www.ltnet.org/SchoolLinks/ChatPilot>>.

da esfera se projetam no *chat*, atentando para o uso da “*pluritextualidade*” que lhe é própria (Cf. XAVIER, 2004, p. 175).

3 A NATUREZA CONSTELAR DO *CHAT*: A ESCRITA E AS OUTRAS SEMIOSES

Independentemente de sua função social, o *chat* é um gênero marcado pela interatividade. O número de internautas que adentram em uma sala virtual de bate-papo tem sido cada vez maior, por isso, por não disporem da presença física uns dos outros, os usuários não monitoram suas escolhas lingüísticas, de maneira que o resultado é um estilo de tendência informal. Como bem mostra Hilgert (2001, p. 24), a interação via *chat* “acontece por escrito, por força das características do meio eletrônico usado, mas os interlocutores sentem-se numa interação falada”. Isto significa que o *chat* parece ter sua pré-existência em gêneros genuinamente orais, independente das esferas de comunicação destes últimos. Portanto, ao serem transmutados pelo *chat*, tais gêneros tendem a simular elementos próprios da oralidade.

O ato de simular a oralidade através de elementos próprios da escrita permitiu que os usuários do gênero *chat* desenvolvessem um estilo híbrido. Ou seja, não é de qualquer modo que se escreve nesse gênero. “Este ‘escrever’ tem até uma designação própria: ‘*teclar*’; tal é a consciência da novidade” (MARCUSCHI, 2001, p. 18 [aspas e itálicos so autor]). Em meu entender, as abreviações e os *emoticons* são alguns dos exemplos de como a escrita no *chat* simula a oralidade. Por pertencer a uma esfera de comunicação humana bastante complexa, é previsível que, além da escrita, outras semioses sejam utilizadas pelos usuários. No caso do *chat*, especialmente os que acontecem na *Web*, é comum o uso da imagem e do som que, coadunados com a escrita, geram sentidos nos textos conversacionais. Dadas as devidas explicações, passo, a seguir, a análise da escrita e das outras semioses que caracterizam o estilo do gênero *chat*.

3. 1. DO USO DAS ABREVIACÕES E DOS *EMOTICONS*

Aspecto cada vez mais notório nas interações em salas de *chat* é a abreviação. Autores, como Lundstrom (1995), Jonsson (1997), Crystal (2002) entre outros, apontam a abreviação como um elemento estilístico comum neste gênero. Lundstrom e Jonsson afirmam que tal escolha lingüística simula marcas próprias da oralidade por imposição do meio eletrônico. Além disso, a velocidade da atividade de interação deste gênero obriga seus usuários a serem precisos no que “teclam”. Neste sentido, Crystal observa que os participantes de *chat* optam pelas abreviações devido a “pressão pragmática” que sofrem, ou seja, os internautas abreviam para manterem-se ativos na conversa.

Mas as simulações de oralidade não se restringem somente às abreviações, pois existem os *emoticons*, ou ícones de emoção, os quais, segundo Abreu (2002, p. 88), são características do gênero *chat*. De minha parte, acredito que

talvez os *emoticons* sejam a marca mais prototípica da transmutação que se reflete na escrita do *chat*, pois sinais de pontuação, letras, números e outros caracteres são combinados, a fim de transmitir emoções e outras manifestações de uma comunicação face a face. Não seria, então, redundante afirmar que estes caracteres [...] foram (no sentido bakhtiniano)

absorvidos e reinterpretados pelo gênero *chat*, reconfigurando-se em uma nova escrita⁷ (ARAÚJO, 2003, p. 100).

Como mostra a figura 04, abaixo, independentemente da função social do *chat*, as abreviações e os *emoticons* são, como afirma Marcuschi (2001a, p. 64) “elementos específicos” deste gênero.

<CA> (12:45:14) **b@nb@n@** grita com Segetã videokê @: oi!!!!!!minha linda, minhas safiras em forma de olhar.pk vc naum consegue o lokuax!!!!!! a conekçaum e melhor @----,--- é pra vc...

<CE> **Romulo**: que nada Renilson já estou expert em chat, graças a grande Lourdes :-)

<CE> **Lourdes**: Olha Rômulo vou sair agora pq preciso fotografar os meninos e eles voltarem para a escola mas eu falo com vc hoje.

<CC> **jean10** fala para Convidado: IRMÃO, QDO VAI SAIR O CD DE VCS?*E GOSTEI DE SABER Q VCS VÃO GRAVAR COM O VOCALISTA DO TRIBO DE JAH :-)

No 1º turno desta figura, retirado de um <CA>, um usuário se mostra romântico com sua interlocutora. Esta leitura é possível porque o símbolo @ (lê-se arrouba) é combinado com pequenos traços intercalados por uma vírgula, aproximando-se do desenho de uma flor. Na seqüência, apresento dois turnos retirados de um <CE>. É possível observar que, embora cumprindo uma função distinta do anterior, o estilo do <CE> tende a se aproximar do <CA>, já que o uso de *emoticons* (no primeiro turno do <CE>) e de abreviações (no segundo turno) se faz presente. As mesmas marcas estilísticas são encontradas no último exemplo da figura, retirado de um <CC>.

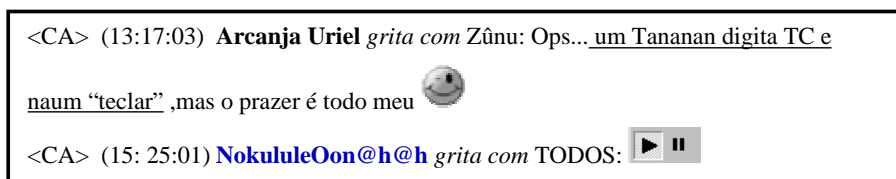
As incidências de abreviações e de *emoticons* nos vários tipos de bate-papos sugerem que tais aspectos consistem em marcas estilísticas que irmanam as variedades de *chat*. Como bem discute Freire (2003), os usuários desses gêneros parecem elaborar uma certa “competência pragmática que assinala as formas aceitáveis de dizer”, entre elas os *emoticons* e as abreviações (p. 68). Por isso, parece ser próprio do *chat*, independentemente da função social a que se destina, um estilo bastante informal. Provavelmente, isso ocorra devido ao aspecto sincrônico que lhe é peculiar, de maneira que qualquer gênero que o *chat* absorve tende a ser reformatado. Isto parece ser revelador de que, mesmo os gêneros marcados pela assimetria, como a aula e a entrevista, ao serem transmutados pelo *chat*, “transformam-se dentro [dele] e adquirem uma característica particular”, como realça Bakhtin (2000, p. 281) ao explicar o fenômeno da transmutação.

3. 2 DO CANAL E DA SUPERPOSIÇÃO DAS SEMIOSES

Uma das marcas mais salientes nos bate-papos, especialmente os que ocorrem no interior da *Web*, é a multitemiose, isto é, a superposição da linguagem verbal com a imagética e a sonora. Os usuários desses gêneros operam com essas linguagens para conversarem uns com os outros. Em trabalhos anteriores, já citados aqui, defendo, com

⁷ Hoje, aceito com Marcuschi (2001) que “escrever pelo computador no contexto da produção discursiva dos *bate-papos* síncronos é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita” (p. 18).

base em Xavier (2002), que tais semioses conferem um caráter hipertextual ao bate-papo. Ou seja, ao lado da escrita, a imagem e o som, longe de concorrerem, formam um amálgama para gerar sentido. Em outras palavras, no domínio discursivo digital, a linguagem verbal não é a semiose privilegiada, mas também não é, hierarquicamente, inferior às outras que coexistem com ela. Entendo que a intersemiose é uma característica importante nos gêneros digitais que, ao aclimatar tantos outros em seu interior, reinterpreta-os em seu ambiente virtual, enriquecendo-se com outras linguagens. Sendo assim, julgo instrutivo destacar a intersemiose som-imagem-escrita presente no <CA> e no <CC>⁸.



A figura 04 reúne dois exemplos curiosos que revelam a superposição das semioses no *chat*. No primeiro deles, um usuário experiente “*tecla*” sobre a importância da abreviação, mas suaviza o tom de crítica com uma imagem que representa uma piscadela de olho e um sorriso amistoso. A imagem, portanto, não é usada pela internauta inocentemente. Ao contrário, ela é utilizada como uma estratégia discursiva, pois o usuário deste gênero já percebeu que tais elementos

deixam de ser adereços que ornamentam e delimitam artisticamente o espaço da escrita verbal, para se configurarem como elementos-fonte ricos em informações matizes de sentido com peso cognitivo e valor semântico, no mínimo, iguais aos da palavra (XAVIER, 2002, p. 157).

Já o exemplo subsequente é bastante curioso. Nele, não há presença da escrita, salvo aquela que é automaticamente dada pelo provedor. Todo o turno se reduz a uma marca digital representando uma espécie de botão com duas funções (ativar e pausa). Trata-se de um mecanismo de enviar músicas para a sala de *chat*. Quando um internauta envia uma música para todos na sala virtual, o turno é representado pela marca visual que se assemelha a um botão digital. Todos podem ativar ou não a música enviada. Como já afirmei sobre este caso, “verifica-se a intersemiose som-imagem através da superposição da marca visual [e] da manifestação sonora que decorre dessa marca” (ARAÚJO, 2004, p. 103).

A escrita, a imagem e o som também aparecem no <CC>. A figura 06, abaixo, destaca as interfaces dos recursos com os quais os internautas contam para esta atividade. Para facilitar a visualização e a leitura, a tela, abaixo, foi recortada e legendada.

⁸ Como as sessões de <CE> que formam meus *corpora* não aconteceram em ambientes da *Web*, não há presença da imagem e do som. Por isso, mostra exemplos apenas do <CA> e do <CC>.

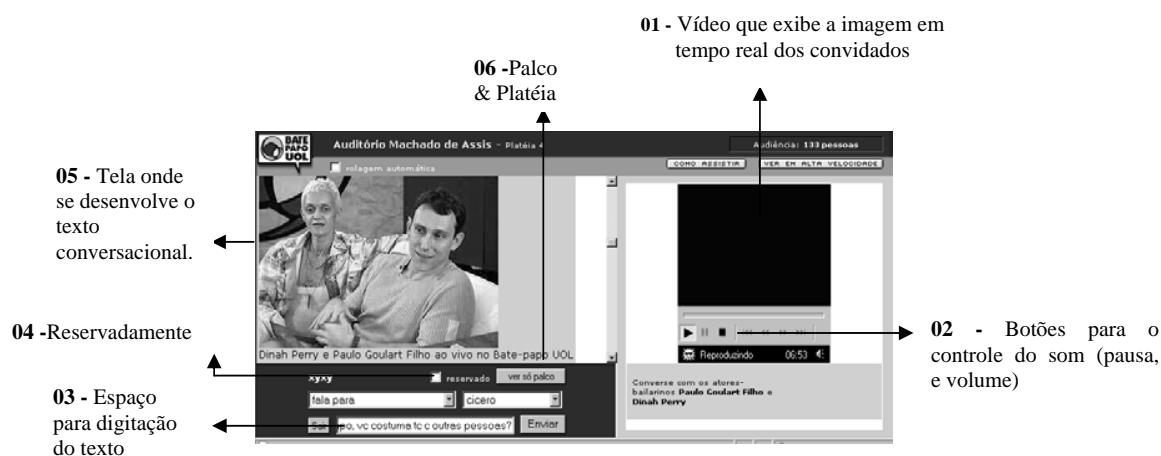


Figura 06 – Som, imagem e escrita no <CC>

Ao seguir o sentido horário das setas, o leitor poderá verificar como o <CC> opera com os índices hipertextuais (som-imagem-escrita), além de outros recursos técnicos. No recurso **01**, o usuário pode ver o convidado em tempo real, graças à transmissão ao vivo de vídeo e áudio no formato *Windows Media*, isto é, ao mesmo tempo em que pode usar a linguagem verbal para escrever e ler as perguntas e as respostas do <CC>, o usuário assiste em vídeo às imagens do convidado. Na sequência das setas, ainda na parte da tela em que é exibido o vídeo (recurso **02**), o internauta pode operar com o som através dos “botões digitais”, que, com um simples clique de *mouse*, oferece os recursos de ativar a pausa, aumentar ou diminuir o volume da voz do(s) entrevistado(s) e do moderador que lhe transmite as perguntas. O botão digital é semelhante ao apresentado na figura 05.

Os recursos **03** e **04** são iguais para todas as variedades de *chats*. O primeiro é o espaço onde o usuário digita suas “falas” e o segundo permite que se acione o recurso “reservadamente”. Ao ativá-lo, os turnos enviados só aparecerão na tela de quem foi selecionado para recebê-los. Tal recurso, segundo Marcuschi (2004), gera uma outra variedade de *chat*, denominado pelo autor de **chat reservado**, já que apresenta outras características, como o uso mais reduzido de *emoticons*, de abreviações e de outras semioses, resultando em turnos bem maiores do que no **chat aberto**, por exemplo.

O item **05** representa a parte da tela onde se projeta o texto conversacional em si. No caso, acima, o turno está sendo uma imagem fotográfica dos convidados, enviada pelo moderador do <CC>, a fim de fazer propaganda dos convidados famosos⁹ do bate-papo em questão. Finalmente, ao acionar o “botão”, indicado por **06**, o sujeito pode escolher entre as opções **platéia** e **palco**. Optando pela primeira, o usuário verá projetado em seu monitor, além dos turnos dos entrevistados e as perguntas selecionadas, todo o desenrolar do texto conversacional do bate-papo. Este recurso é importante porque permite que os usuários conversem entre si, instaurando dentro do <CC> uma espécie de <CA>, provocando uma hibridização de duas variedades de *chat*.

Esses recursos técnicos, próprios da *Web*, exigem um mínimo de letramento digital dos usuários que transitam por essa esfera complexa de comunicação. Além disso, os sujeitos, especialmente os inexperientes com as situações comunicativas da

⁹ Os convidados foram os atores Paulo Goulart Filho e Dinah Perry que aceitaram o convite para “conversarem” com os *internautas* sobre a peça **XY - A verdadeira diferença entre os sexos**.

Internet, sofrem uma sobrecarga cognitiva, visto que operar com tantas semioses conjugadas e reinterpretadas em um mesmo suporte não consiste em uma tarefa muito fácil para os iniciantes, conforme constatei em Araújo (2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debater sobre os gêneros que se abrem em variedades é um imperativo que se faz cada vez mais necessário na Academia. Talvez este seja um dos caminhos mais promissores para entender a complexa teia de funções sociais que um único gênero consegue cobrir. Portanto, foi objetivo deste trabalho ressaltar o *chat* como um desses gêneros que, embora se apresente distinto em suas variações, conserva alguns traços estáveis capazes de irmanar todas as variedades. À luz da análise feita aqui, pode-se ressaltar algumas conclusões preliminares:

- i) o conceito de constelação não pode se restringir a um único PC, nem a uma hierarquia entre gênero e subgênero, como supõe Bhatia (1993; 1999; [1997] 2001). Não pode se circunscrever a um único PC porque nenhum gênero que participe de uma constelação serve a um propósito único, também não pode haver hierarquia entre um gênero e sua variante porque ambos, pelo menos no caso do *chat*, atendem a funções sociais distintas e não a subfunções, o que faz com que um e outro tenham sua importância particular para o fim social específico a que se destina;
- ii) o *chat* é um gênero bastante complexo por possuir um grau absorvivo muito grande. Isso o faz transmutar muitos gêneros, como a conversa cotidiana, a aula, a entrevista, e, possivelmente, muitos outros. Ao que parece, o fenômeno da *transmutação* torna-se bastante produtivo para estudar a constelação que se forma em torno de um gênero como o *chat*;
- iii) entre os traços estáveis que tornam as variedades de *chat* cognatas entre si está o estilo informal marcado pelas abreviações e pela resignificação de caracteres diversos do teclado para simular estados de espírito e gestos próprios de uma interação face-a-face;
- iv) outro aspecto relevante é o uso de outras semioses que, longe de concorrerem com a linguagem verbal, contribuem para estimular as simulações de oralidade próprias dos gêneros que foram transmutados pelo *chat*. Neste sentido, pode ser verificado que somente o <CE> ocorre com o texto puramente escrito, mas isso se deve não ao gênero em si, mas ao programa em que ele ocorre (Cf. MARCUSCHI, 2004, p. 29). Possivelmente, se esta variedade de *chat* ocorrer em ambientes semelhantes aos <CA> e <CC>, certamente poder-se-iam destacar usos relativos à imagem e ao som.

Como foi mencionado, esta pesquisa não se esgota nesta comunicação. O que mostrei aqui é apenas um recorte de um estudo piloto de uma pesquisa maior que está em andamento. Por isso, muitos aspectos deixaram de ser observados. Tal restrição se deveu em parte ao espaço reservado para este artigo e em parte porque os dados ainda estão em fase de triagem e estudo. Certamente, outros aspectos ainda serão estudados e outras variedades de *chat* serão incluídas, posto que a teia de funções sociais do gênero *chat* vai bem além do que discuti aqui.

REFERÊNCIAS

- ABREU, L. S. O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In.: DIONÍSIO, A. MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000. pp. 87-94.
- ARAÚJO, J. C. R. de. **Chat na Web**: um estudo de gênero hipertextual. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2003.
- _____. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 91-109.
- _____. Gênero chat: caracterização e implicação pedagógica. **ANAIS do II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino – ECLAE**. João Pessoa: Idéia. 2004a. pp. 983-993.
- _____. **Chat educacional**: o discurso pedagógico na Internet. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2004b. Trabalho inédito.
- ASKEHAVE, I. & SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**. Oxford, U.K., v. 22, n. 2, 2001. pp. 195-212.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In. _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. pp. 227-326.
- BHATIA, V. K. **Analysing genre**: language use in professional settings. New York: Longman, 1993.
- _____. Integrating products, processes, purposes and participants in professional writing. In. CANDLIN, C. N & HYLAND, K. (Ed.). **Writing**: texts, processes and practices. New York: Longman, 1999. pp. 21-39.
- _____. Análise de gêneros hoje. *Revista de Letras*. n. ° 23. vol. ½. jan./dez. Fortaleza: Edições UFC, 2001. pp. 102-115. Trad. Benedito G. Bezerra.
- BONINI, A. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. **Revista de Letras**. n. ° 22. vol. ½. jan./dez. Fortaleza: Edições UFC, 2000. pp. 5-13.
- CAMPBELL, K. K. & JAMIESON, K. H. Form and genre in rhetorical criticism: an introduction. In. _____. (Eds.) **Form and genre-shaping rhetorical action**. Speech Communication Association, 1978. pp. 09-31.
- CRYSTAL, D. **El lenguaje e internet**. Cambridge, Cambridge University Press, 2002.
- FONSECA, L. O uso de *chats* na aprendizagem de línguas estrangeiras. **Caligrama**. Revista do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2002 VI. 07. pp. 101-121.
- FREIRE, F. M. P. Formas de materialidade linguística, gêneros de discurso e interfaces. In. SILVA, T. E. da. (Org.). **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 65-88.
- HEMAIS, B. & BIASI-RODRIGUES, B. **A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais**. Trabalho inédito (no prelo).
- HILGERT, J. G. A construção do texto ‘falado’ por escrito: a conversação na internet. In. **A fala e a escrita em questão**. Dino Preti (org). 2 ed. São Paulo: Humanitas. SFLCH/USP, 2001. pp. 17-55.
- JONSSON, E. **Electronic discourse: on speech and writing on the Internet**. Disponível em: <<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>>, 1997. Acesso em: 10 de out de 2002.

- LUNDSTROM, P. **Synchronous computer-mediated communication:** Will Internet talkers improve the communicative competence of ESL/EFL Students?. Disponível em: <ftp.hawaii.edu/outgoing/phxrsng/masters/paper>, 1995. Acesso: em 01 de nov. 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita: atividades de retextualização.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Fala e escrita: uma visão não dicotômica. **Revista do GELNE.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. vol. 3. n.º 01. jan.-jul. 2001. pp. 61-67.
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 13-67.
- SWALES, John M. **Genre Analysis:** English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- _____. **Re-thinking genre:** another look at discourse community effects. 1992. Trabalho apresentado no **Re-thinking Genre Seminar**, Universidade de Carleton, Ottawa, Canadá, 1992.
- _____. Genre and engagement. **Revue Belge de Philologie et d’Histoire**, v. 71, p. 687-698, 1993.
- _____. **Other floors, other voices: a textography of a small university building.** Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1998.
- XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade da informação:** a constituição do modo de enunciação digital. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2002.
- _____. Leitura, texto e hipertexto. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 170-180.

